

COLLECCÃO
DE POESIAS
FEITAS
NA FELIZ INAUGURAÇÃO
DA
ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.
EM 6 DE JUNHO DE 1775.
POR
DOMINGOS CALDAS
BARBOSA.

L677



L54

COLLECCAO

DE FORTIAS

NA FELICIDADE

ESTATUA NOBILITATE

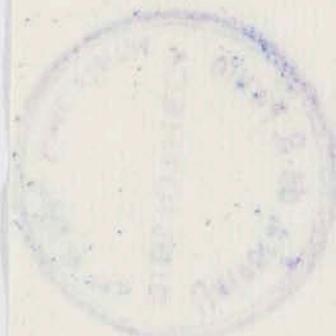
DE ELREY NOSSO SENHOR

DOM JOSE I.

EM 6 DE JUNHO DE 1763

DOMINGOS CALDAS

BARBOSA



(3)

INSCRIPÇÃO
EM
SONETO.

Não he do Grande Henrique, ó Caminhante,
Ou de hum dos seis Affonsos a Figura,
Lembrar Fernando, e os Sanchos não procura,
E nem Diniz, bem que o Mondego o cante.

Não he d'algum dos Pedros o semblante,
Que a Arte déstra a imitar se apura,
Nem Manoel, o Amado da ventura,
E nem Duarte da Sciencia amante.

Não do Guerreiro REY, que nos deo fusto,
Não do Velho tirado do Mosteiro,
Nem dos cinco Joões, qual mais Augusto:

Olha em roda do Insigne Cavalleiro,
Prostra-te, adora o Pai da Patria, o Justo,
REY de Fama immortal, JOSÉ PRIMEIRO.

* ii

SO-



(4)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

S O N E T O.

JÁ de huma, e de outra parte a estranha gente
Te vem laudar, Lisboa venturosa,
Adorando a expressiva, e Magestosa
Estatua, que ao teu REY ergues contente:

America fecunda, Africa ardente,
Asia opulenta, Europa sumptuosa;
Cada huma te offrece os dons gostosa,
De que as encheo a Mão Omnipotente.

Mostra-lhe os elevados Edifícios;
Faze que as justas Leis ellas decorem,
Que dão premio á Virtude, e pena aos Vícios:

E aos que depois de nós gozando forem
Os de JOSÉ perpetuos beneficios,
Mostra-lhes quem lhos fez, e que o adorem.

NA

(5)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

SONETO.

A Quelle, que se offrece por modêlo
A efranhos, e vindouros Soberanos,
He JOSÉ Grande REY dos Lusitanos:
Correi, ó Póvos, a adorallo, e vello.

Amor, Justiça, Piedade, e Zelo
O distinguíram d'entre os mais Humanos;
Assim aos que hão de vir remotos annos
Lisboa agradecida ha de dizello.

E aquelle, que no Busto está presente,
He o Illustre CARVALHO: ide admirallo,
Fiel Ministro, Sabio, e Diligente:

Comvosco, que me ouvís, comvosco eu fallo;
Daquelles dous se póde juntamente
Aprender a ser REY, e a ser Vassallo.



(6)

NA FAUSTISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

SONETO.

A Filha da Discórdia, que os Humanos
Arma contra si mesmos, e revolta,
Ergue-se ao Ar, as negras azas solta,
E foge dos felizes Lusitanos:

A Morte, o Medo, a Fome, e os insanos
Vícios, de que ella fórma sempre escolta,
Para outra parte muito longe volta,
E deixa de JOSÉ em paz os annos.

Então com as Virtudes sacra Afréa,
Que no seu coração reinando fica,
Derrama os bens, de que hoje Lífia he chea:

Africa, Asia, e tu mais nova, e rica
Parte do Mundo, que Elle senhorêa,
Publicai o que Europa assim pública.

NA

(7)

NA FELICISSIMA
 INAUGURAÇÃO
 DA ESTATUA EQUESTRE
 DE ELREY NOSSO SENHOR
 DOM JOSE I.

SONETO.

O Mez, que pelo meio o anno córta,
 E a quem faz sempre Cancer companhia,
 Conduz alegre o glorioso dia,
 Que deixa á Lufa gente em pasmo absorta.

Sem a triste empulheta, e foice torta
 O tempo vem guiado da Alegria;
 Vem com a Irmã cantando a Poesia,
 Que os corações até ao Ceo transporta.

A Lufa gratidão de hum modo agudo,
 Este dia feliz distingue, e marca
 C'um Monumento, que se explica mudo;

Em quanto o Nome do maior MONARCA
 Espalha a grande Deosa, que diz tudo,
 Por quanto o Sol rodeia, e o Mar abarca.

* iv

NA



NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

S O N E T O.

Não cuides, ó meu REY, q' eu te repito
Entre amor, e respeito, gosto, e fusto
Fracas comparações do altivo Augusto
Do Sabio Julio, do Piedoso Tito;

Que o louvor, que dos outros anda escrito,
A ti, que mais mereces, eu o ajusto:
Se meditára assim, eu fora injusto,
Muito maiores cousas eu medito.

Se aquelles Grandes Homens tem subido
Da alta Memoria ao perduravel Templo,
E de modêlo a outros tem servido;

Tu, que maior do que elles eu contemplo,
O que ha nos mais disperfo tendo unido,
Serás hum novo, e nunca visto Exemplo.

AO

(9)

A O S E N H O R
B A R T H O L O M E U
 D A C O S T A ,
 B R I G A D E I R O D A A R T I L H E R I A ,
 &c. &c. &c.

S O N E T O .

DE entre a tremula, roixa labareda,
 Globoso espesso fumo os ares fende
 No lugar, em que activo genio emprende,
 Que o metal duro a seu arbitrio ceda;

Porque tudo com ordem lhe succeda
 A toda a parte olha, a tudo attende;
 Ora modera o fogo, ora o accende,
 Não quer que diminua, nem que exceda.

Abre os ductos; e o bronze com brandura,
 E huma fluidez, digna de espanto,
 Occupa o molde, forma-se a Figura.

Genio ditoso, que pudeste tanto,
 Mostra glorioso a energica Estructura,
 Que eu, depois de a adorar, teu nome canto.

* v

NA

(10)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

DO POVO A ELREY.

O D E.

DO mais alto lugar, onde a Virtude
Hoje te eleva, além da Magestade,
Ouve em estylo rude,
Por voz da lealdade,
Desufados louvores,
Que não tiveram teus Predecessores.
Revolve o Mundo todo
Os Factos dos antigos Soberanos,
Quaes foram, porque modo
Gregos, Assyrios, Persas, e Romanos:
Tempos de horror, e fusto!
Não he assim o de JOSÉ Augusto.

Por

(11)

Por Mares não trilhados
 Domar estranha gente, em terra estranha;
 Ter escravos forçados
 Pelo medo, não he gloria tamanha,
 Como he em paz segura
 Fazer dos teus Vassallos a ventura.
 O Povo, que ganhava,
 Mais do que hum nome vão, huma vã gloria?
 E era o preço, que dava
 Por huma esteril, horrida memoria,
 Lagrimas amargosas
 De pais, de irmãos, de filhos, e de esposas.
 Em quanto estranha gente
 Vinha tirar de nós nossa riqueza,
 Por esses dons sómente,
 Que não nega á cultura a Natureza.
 Co' o fumo de acções nobres
 Não nos viamos nós, miseros, pobres.
 O ouro das nossas Minas
 Por nossas mãos passava ás mãos alheias:
 Eram nossas Campinas
 Em vês de trigo, só de abrolhos cheias:
 Sem util exercicio
 Crescia em nós com a pobreza o vicio.
 Quando a mortal doença
 Sobre teu Pai os golpes repetia,
 E que á tua presença
 O nosso pranto, a nossa dor subia,
 Já então te ensaiavas,
 E fazer-nos ditosos procuravas.



Escolhes quem te ajude
Para a sublime, gloriosa empreza;
Varão de sã virtude,
D'alma, que só te cede na grandeza,
Por quem Luiz Famoso,
Inda tendo a Colbert, fora invejoso.
O plano se defenha;
Principia-se assim difficil obra.
Augusto Rei se empenha,
A quem perigo, e susto não foçobra:
He o Illustre CARVALHO
O digno Executor de hum tal trabalho.
O seu raro talento
Já Londres admirou, vio Alemanha;
O seu merecimento
O Mundo já conhece, e não o estranha.
Musas, vós o educastes,
Para tanto he que vós o preparastes.
Povo, felice Povo,
Começa nosso bem, nossa ventura:
Novas Leis de REY novo
Sabio Ministro pródigo as segura.
Vós, Regiões adustas,
Voai a receber as Leis mais justas:
Não he a violencia,
He a razão quem marcha a sujeitar-vos;
E por conveniencia
Vinde a seus Reaes pés, vinde prostrar-vos:
Chegai, e vós vereis
Hum PAI, que nos nasceo dos nossos REYS.
Ge-

(13)

Gemes com o tributo,
 AMERICA? O teu REY o faz mais leve.
 Ó ASIA, eu bem te escuto,
 Já vais cobrar o que perdido esteve.
 AFRICA, está contente;
 Honra-se, como a mais, a adulta gente.
 Concidadãos, Patricios,
 Lançai a vista a huma, e outra parte,
 Vede uteis exercicios,
 A que convida a apurada Arte.
 Já o experto Negocio
 Affugentou o mole, o indigno ocio.
 Margens do largo Téjo,
 Sobre quem Ceres os seus dons entorna;
 As grossas Náos eu vejo,
 Em que o Commercio vai contente, e torna.
 Mão habil, e mão prompta
 Fórma a invenção, que o Vento, e o Mar affronta.
 O martello pezado
 O ardente metal duro bate, e abranda.
 E o ferro amolado
 Sobre os madeiros, sobre as pedras anda.
 A força, a habilidade
 Trabalha, e fórma assim gentil Cidade.
 O Montanhez agreste
 Traz a lã, que tirou ao seu rebanho;
 He ella quem nos veste,
 Sem que a prepare algum Artista estranho.
 O insecto industrioso
 Para o fausto nos dá fio lustroso.

(14)

Trepai, ó fertil vide;
Por vós nos vem buscar Nações inteiras:
 Cubriendo a terra ide
Do negro fruto, ó verdes oliveiras.
 Na fecunda seára
Quanta abundancia Ceres nos prepara!
 O Povo se exercita
Nestas, e n'outras cousas, e enriquece;
 O REY lhas facilita,
E a abundancia cada vez mais cresce.
 Por tantos beneficios
Quaes devem ser do Povo os sacrificios?
 Huma Estatua elevar-te
He a que chega a força dos humanos;
 E aos vindouros mostrar-te,
Inda a pezar dos gastadores annos,
Com que o tempo voraz tudo consome,
Porque respeitem tua Gloria, e Nome.

(15)

NA FELICISSIMA
 INAUGURAÇÃO
 DA ESTATUA EQUESTRE
 DE ELREY NOSSO SENHOR
 DOM JOSÉ I.
 &c. &c. &c.

A S I A.

O D E.

J Untem-se os votos da Asia aos votos puros
 Do Povo Lusitano:
 Dos seculos futuros
 Hum anno, e outro anno,
 Até o derradeiro,
 Honre a memoria de JOSÉ PRIMEIRO.
 Téjo feliz, se o teu terreno abunda;
 Se eu te dou vassallagem,
 E America fecunda,
 E Africa selvagem,
 Tudo a JOSÉ se deve,
 Tua fatal ruina elle fusteve.

Com

Com que mágoa te ouvi, inda me lembro,
O teu horrivel pranto
No terrivel Novembro!
Quem esperava tanto?
A Cidade perdida

Surge muito mais bella, e mais luzida.
A Poderosa Mão, que assim a adorna,
Tambem a mim se estende:
Já sobre Asia entorna
Próvida graça: attende
Meu proximo perigo,

Vai a elevar-me ao esplendor antigo.
Não do furor, mas da clemencia a arte
Lhe segura a victoria
Do Mundo em toda a parte;
Terei por minha gloria
O seu jugo suave,

Em quanto o Indo o meu terreno lave.
Não quer que com exemplo de Albuquerque,
Sobre rios de sangue
O seu poder se alterque:
Evita o ver-me exangue.
Ministro do seu zelo,

Tu vences co' a brandura, Illustre Mello.
Terriveis Socios, pranteai a empreza,
Que deo a Mundo affombros,
Em quanto alta riqueza
Ponho do Téjo aos hombros,
Sem que ninguem impeça

Que eu ao Grande JOSÉ meus dons offreça.

Bri-

(17)

Brilhantes pedras, perolas lustrosas,
 Que o meu terreno cria,
 As plantas virtuofas,
 A quente especiaria,
 Para quem as guardára?
 A quem mais dignamente as offertára?

Fragrante aroma, em nuvens mande aos ares
 Vivo agradecimento:
 Tenha JOSÉ mais votos, mais altares:
 Portuguezes, he pouco hum Monumento.
 Por mil bocas, e mil repita a Fama
 Quanto o seu Povo, o fiel Povo, o amá.

NA

(18)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

A M E R I C A .

O D E .

POvo da Lísia, a America não soffre
Ser testemunha inutil, e ociosa;
Meu aurifero cofre
Eu vos offreço alegre, e generosa;
Embora seja exhausto,
Sirva á devida pompa, sirva ao fausto.
Não, não fizeram tanto os Soberanos,
A quem Estatuas deram tantas vezes
Os Gregos, e os Romanos,
Quanto JOSÉ tem feito aos Portuguezes:
Crédula a Antiguidade
Talvez o adoraria Divindade.

Por

(19)

Por Elle he que Lisboa se levanta,
 D'entre as ruinas muito mais formosa:
 Por Elle alegre canta
 No Mondego a Sciencia gloriosa:
 Por Elle as uteis Artes
 Vam instruir do Mundo as quatro partes.
 Em honra de JOSÉ, REY Sabio, e Justo,
 Abri meu cofre, affortunadas gentes:
 Tirai, tirai sem fusto
 Precioso metal, pedras luzentes;
 He vosso o meu thesouro,
 Formai-lhe a Estatua, não de bronze, d'ouro.
 Vindouras gerações vejam gostosas,
 Qual REY me tem polido, e tem honrado,
 Dando-me as proveitosas
 Leis do Commercio, que sustêm o Estado,
 Por cuja providencia
 A sujeição foi gosto, e não violencia.
 Qual de medonha serpe os duros dentes
 Em armados Guerreiros se tornáram:
 Assim polidas gentes
 Espessas broncas arvores brotáram,
 Das feras a morada
 He dos novos vassallos povoada.
 Dos ramosos Coqueiros, e Pindobas
 Fracas choupanas não estam pendentes;
 Os Caciques, os Sóbas
 Tomam Costume, e Leis das Lusas gentes;
 Em civil sociedade
 Forma-se a Villa, forma-se a Cidade.

Set-

Settas, arcos, mortiferas zagaias
Do Americano os hombros não carregam:
São outras as alfaias,
Com que fervindo ao Grande REY se empregam;
E a adestrada Tropa
Já não inveja a disciplina á Europa.
Quanto trabalho custa reduzillos
A julgarem-se iguaes aos mais humanos!
Quanto custa instruillos
Da Fé nos mais reconditos arcanos!
Dar-lhes c'o a liberdade
Toda a sua maior felicidade!
Mas não trabalha só o nosso AUGUSTO;
Ao grave pezo o ajuda o bom Mecenas,
Que em energico Busto
Alli se observa: cantem-no as Camenas,
Participe CARVALHO
Assim da gloria, como do trabalho.

Povo da Lísia, a AMERICA pertende
Ter como no favor, no louvor parte:
Bem como á falladora Ave, que aprende
A humana voz a imitar com arte:
Ensina-me, q' eu quero em doce canto
Louvar o REY, a quem devemos tanto.

(21)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

&c. &c. &c.

EUROPA.

ODE.

REY digno de ser REY, quando a Fortuna
Sceptro de Reys, e herança te negasse;
Dado do Ceo aos Lusos por Columna,
Que o seu amado Imperio sustentasse:

REY exemplo de Reys, que brandamente
Em paz tranquilla os Póvos governando,
Te fazes invejar de estranha gente,
Que a Sorte sujeitou a alheio mando:

Do teu disvelo acceita o doce fruto,
Que te offerece a verdadeira Gloria:
Recebe, ó Grande REY, este tributo
Devido á tua singular Memoria.



Ad-

Admira-te EUROPA, e te respeita,
E aos outros Reys te mostra, qual modêlo,
Que a tua Monarquia assim perfeita
He obra do incanfavel teu difvelo.

Gallia, para os seus Póvos ver felizes
Gastáram no trabalho hum seculo inteiro
Os Augustos Henriques, e os Luizes:
Bastou a Portugal JOSÉ PRIMEIRO.

Vejam industriosos Insulanos
Quem a feu interesse põe baliza:
Minerva educa os habeis Lusitanos,
Favor estranho Lísia não precisa.

Républica maior, que a de Carthago,
Que o Mar destruidor por arte guarda,
Do teu Commercio tens vizinho estrago
Luso Commercio em te vencer não tarda.

Canta Roma sagrada o Grande Filho
Da Igreja, Defensor tenaz, e justo,
A quem com mais razão me prostro, e humilho,
Do que o fizera a Cesar, Tito, e Augusto.

Tu, guerreiro inquieto Prussiano,
Vê a acerba, engenhosa disciplina,
Que ao robusto mancebo Lusitano
Na socegada paz JOSÉ ensina.

(23)

Porém não vai, ó Reys, não vai turbar-vos
 Na vossa paz o satisfeito Luso;
 Estuda a defender-se, e auxiliar-vos;
 Da generosa gente he este o uso.

Alli não vejo as guerras intestinas,
 Que as entranhas dos Reinos dilaceram:
 Lisboa, o que tiveste de ruínas,
 Foram os elementos, que as fizeram.

Mas prompta a Mão Augusta, se disvela
 Para te erguer; Mão poderosa, e forte:
 O Téjo pasma, vendo-te tão bella;
 Agora es de hum tal REY mais digna Corte.

Mostra o teu Bemfeitor ao Téjo, aos Mares,
 E aponta a mão, donde hum tal bem te veio:
 Por gratidão he justo conservares
 A sua Imagem no formoso seio.

Honrado Povo, em quem já mais se apaga
 Da verdadeira fé o vivo lume,
 Com quem o amor dos Reys nunca se estraga,
 Fiel por lei, por genio, e por costume:

Segui o exemplo do melhor Vassallo,
 Que deo ao melhor REY o Ceo benigno.
 CARVALHO Illustre, o nome teu não calo,
 Que não quero roubar-te hum louvor digno.

Em

Em ti o REY confia, o REY descansa
Do pezo do Governo duro, e grave;
E a teu zelo, por justa confiança,
Dos segredos do Throno entrega a chave.

O teu amor, a tua lealdade
Deve servir de exemplo ao Mundo todo;
Do Monarca o Favor, Graça, Amizade,
Só assim se consegue: he este o modo.

Amai, ó Povo, o REY, que assim vos ama,
Unindo amor paterno ao Regio Officio;
Se eterno beneficio em vós derrama,
Dure a memoria, quanto o beneficio.

(25)

NA FELICISSIMA
INAUGURAÇÃO
DA ESTATUA EQUESTRE
DE ELREY NOSSO SENHOR
DOM JOSÉ I.

AFRICA.

ODE.

REyno adquirido co' o valor do braço
De valentes Heroes, que eu não nomeio,
Que não cabendo neste curto espaço,
Do Mar rasgando o feio,
Ao meu Paiz adusto
Foram levar de Lísia o Nome Augusto.
Aqui me tens para os louvores prompta,
Do teu Grande JOSÉ, que assás merece;
Pois que a apagar dos Filhos meus a affronta
Quiz o Ceo que nascesse:
Só este beneficio
He digno d'hum eterno sacrificio.

Os

Os outros Reys, e os vãos Conquistadores,
 Que me roubam, violentam, dilacéram,
 Ouçam agora altíffimos louvores,
 Q'elles não merecêram;
 E os meus Filhos contentes,
 Honrem quem soube honrar d'Africa as gentes.
 Remotos mares, praias mais remotas
 Solícito commercio gire, e traga
 Co' as minhas producções gravidas frotas:
 Inda assim lhe não paga
 Todo o seguro abono,
 Que recebo do seu Augusto Throno.
 Como, avistando o avido milhafre,
 Tremem, e fogem fracos passarinhos,
 Fugia, e já não foge, o simples Cafre
 Dos aligeros pinhos,
 Vê-os, e se conforta;
 Espera o bem, que a veloz Náo transporta.
 JOSÉ, Grande JOSÉ, tua brandura
 Faz mais prompta, mais facil a victória,
 Que a mortifera arte, acerba e dura
 Q' faz d'outros a glória:
 A Paz, que he do Ceo filha,
 Gostosa hoje, a teus pés Africa humilha.
 Todo o Zaire soberbo a ti se prostra,
 E os metaes uteis, que no seio encobre,
 Porque te sirvam, voluntario os mostra,
 O duro ferro, e o cobre:
 E Benguela submissa
 Canta o favor da próvida Justiça.

(27)

Lisboa, por louvor bem proprio e dino,
 Titulo novo em honra tua tome,
 Qual do Religioso Constantino
 Tomou Byzancio o nome;
 Q' eu fei que a fórma sua
 Não he de Ulysses já, he toda tua.
 Perante a Augusta IMAGEM de joelhos
 Vou com ella adorar-te, e então me espanta
 O Venerando Heroe, cujos conselhos
 A loquaz Deosa canta:
 Elle interpréte as vozes,
 Que o seu cuidado fez menos ferozes.
 Talvez que dos meus dons te não contentes;
 Manchadas pelles de manchados brutos,
 De Elefantes disformes grossos dentes
 São dons mui diminutos:
 Outros te offereço muito mais humanos,
 Aceita o coração dos Africanos.

F I M.



